NOVELLAE OLIVARUM



ANO VIII / JUNHO-JULHO 1950 / NÚMEROS 76-77

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO DE SOUSA
Redactor — JOSÉ MENDES SERRAZINA
Proprietário e Editor — JOSÉ ANTÓNIO NOBRE DUARTE
Administrador — MANUEL ALVES LOURENÇO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Sem o Saber — Notas à margem dum velho compêndio de Pastoral — P. R. 121

«A alma de uma Obra» — Eng.º Carlos Galamba 126

O Movimento Litúrgico nos últimos 50 anos — Manuel Pires de Campos 132

Ofertório — P.e Ferreira da Silva 138

Crónica de hoje — Ninguém 141

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50 — Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar ——— Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PÔRTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

SEM O SABER...

NOTAS À MARGEM DUM VELHO COMPÊNDIO DE PASTORAL (1)

Conheci o P.e Jacinto aí por 1887 quando começava a paroquiar a freguesia rural de V.

Terminara, pouco tempo havia, os seus estudos Teológicos no Seminário de Santarém, onde fora sempre tido por uma boa alma, sem embargo da sua impulsividade irrequieta e mesmo um tanto assomadiça.

O feitio místico do seu carácter desenvolvera-se em liberdade no ambiente favorável da família piedosíssima e acentuara-se mais tarde no contacto íntimo com a regra austera dos Filhos de S. Francisco de Assis.

Era um padre culto ; amava os livros franceses, predilecção que lhe ficara dos seus tempos de aluno dos Padres Lazaristas de São Luís em Lisboa. Apesar disso, porém, nada conhecia do movimento católico-social que agitava a Bélgica e já começava na França a esboçar-se brilhante e prometedor.

Nem admira : então ainda não haviam transposto a barreira dos Pirineus os livros e revistas que mais tarde nos fariam conhecer os modelos de organização católica, criados na Bélgica, na Alemanha e na França, acrescendo que neste último país, com o qual é mais estreita a nossa comunhão intelectual, ainda não era muito abundante a literatura daquela especialidade.

Assim é que, se alguém preguntasse ao P.e Jacinto qual o seu modo de pensar em questões de acção católica (2), iria lançar numa surpresa embaraçosa a sua cândida ignorância.

---

(1) Transcrito, com licença do ilustre Autor, da *Vida Católica*, de 5 de Outubro de 1915, pág. 86.

(2) A «*acção católica*» se dava no tempo o significado que hoje tem «*acção social católica*».

Acção católica ? Não. P.e Jacinto nunca ouvira falar em tal.

E mais surpreendido ficaria ainda se o seu interlocutor lhe desse a nova de que ele, P.e Jacinto, ensaiava na sua paróquia obras religiosas e sociais, talvez rudimentares, mas que nós desejaríamos ver funcionando em todas as nossas freguesias.

P.e Jacinto ignorava certamente o que fosse um *sindicato agrícola*, uma *cooperativa de trabalho*, uma *assistência rural*, instituições que hoje vemos descritas minuciosamente nas brochuras da *Action Populaire*, ou nos livros de apostolado religioso e social, que os Bispos franceses põem nas mãos dos seus seminaristas.

— Meus senhores, dizia às vezes P.e Jacinto no fim da sua homília dominical, meus senhores, o nosso vizinho Mateus está doente, não pode trabalhar. Os filhos são ainda umas criancinhas. O Ti Mateus tem a sua searazinha de milho que precisa de ser sachado, aliás de todo se estraga, e ele, no inverno não tem pão em casa. Ora Nosso Senhor proibe que se trabalhe ao domingo, mas não leva a mal que se faça uma obra de caridade. Meus senhores, às 4 da tarde estejam aqui, à porta da Igreja. Vamos sachar o milho do Ti Mateus.

E às quatro horas aparecia toda a gente: os homens já entrados em anos e as crianças, não faltando mesmo as raras pessoas da aldeia a quem os seus haveres ou a sua posição social dispensavam de tocar alguma vez em qualquer alfaia agrícola.

Com o Pároco à frente iam até à courela do Ti Mateus. E, em duas horas, ficava sachado o milho, com carinho, com amor, trabalho feito, não por mercenários que pretendem de qualquer forma ganhar dinheiro, mas por irmãos que ajudam o irmão.

Doutra vez o Ti André, doente de sezões; a sua pequena vinhazita corria perigo de ser inteiramente destruída pela poeira (o oidium). Era preciso salvá-la, assegurar ao pobre velho, sem forças e sem recursos, uns almudes de vinho com que no inverno tivesse dinheiro para comprar pão. Aqui o caso era mais sério, porque, além da mão-de-obra, era indispensável o enxofre. Quem o compraria ?

P.e Jacinto resolvia o problema: cada um traria da sua casa uma enxofradeira bem cheia de enxofre. E que a tal hora todos estivessem à porta da igreja para irem enxofrar a vinha do Ti André.

Ninguém faltava à hora marcada, com a sua enxofradeira e o seu enxofre. Alguns traziam mais abundante provisão em caixas de folha. O Pároco tomava a dianteira dos seus fregueses: era o capataz. Enxofrava-se

à larga a vinha do velho Ti André, que recebia em casa as sobras do enxofre, em quantidade bastante para segundo tratamento.

E era a represa do Ti Manel Domingos, derrubada pela cheia; e era outro vizinho a quem havia abatido o velho telhado do casebre; e eram todas as necessidades instantes a que P.e Jacinto julgava poder acudir com a caridade dos seus paroquianos...

De todas se ocupava, a todas dava remédio.

E na volta, quando à noitinha entrava na Igreja para rezar o terço com os seus fregueses, P.e Jacinto sabia já que a Bênção do SS. Sacramento, encerrando o exercício piedoso, iria premiar com tesouros de íntima alegria e riquezas de consolação espiritual a obra de bondade e amor, feita em nome do Jesus que outrora na Judeia, como no Sacrário até ao fim dos tempos, saciava bondoso a fome das multidões.

* * *

Tampouco omitia P.e Jacinto o seu dever de doutrinar os pequeninos.

Eram dias escolhidos para o ensino catequístico o domingo e a quinta-feira, durante o ano inteiro, com excepção dos domingos nos meses de Julho, Agosto e Setembro. Estes utilizava-os P.e Jacinto auxiliando nas suas festividades os párocos das freguesias vizinhas.

Às três da tarde, a um sinal do sino, reuniam-se na Igreja todas as crianças da aldeia, às quais o P.e Jacinto ensinava a doutrina, auxiliado por cinco ou seis catequistas, recrutados entre os zeladores do Apostolado da Oração.

Perto da Igreja, anexa à moradia duma família amiga de P.e Jacinto, havia uma pequena quinta que descia até ao fundo do vale, onde corria um ribeiro orlado de choupos e freixos.

O dono da propriedade instalara ao longo do ribeiro um campo de jogos: havia trapézios, baloiços, cordas suspensas dos ramos das árvores e até um *jogo da bola*, suficientemente nivelado.

Nos dias de catequese, depois de uma hora de trabalho na Igreja, tudo isto pertencia a P.e Jacinto e aos seus rapazes, que ali brincavam toda a tarde.

Ao sol posto, nova reunião na Igreja para o ensaio de cânticos religiosos, seguida de uma instrução catequística, já então ouvida por adultos que vinham assistir ao Terço e bênção do SS. Sacramento.

De longe em longe P.e Jacinto convidava para um passeio com merenda no campo os seus pequenos amigos.

O ponto de reunião era, como sempre, à porta da Igreja; e muito tempo antes da hora marcada, já os rapazes reclamavam impacientes o Sr. Prior que, no seu quintal, junto do poço, activava açodadamente os últimos preparativos da excursão, pintando com largas pinceladas de tintas berrantes algumas dezenas de bandeiras de papel.

... E a caminho pela estrada fora, bandeiras desfraldadas ao vento nas suas hastes de cana, ao som alegre dos hinos marciais.

No pinhal, *o bivaque*. Dos saquitéis brancos saía a surpreza dos petiscos: o pão, os ovos cozidos, o queijo, o peixe frito, as frutas, que não resistiam cinco minutos ao apetite devorador dos rapazes.

Depois eram os exercícios de caça simulada, as correrias, os saltos, a gritaria, uma ou outra perna escalavrada, um ou outro galo arroxeando as cabeças mais levianas e turbulentas.

A volta era pelo fim da tarde, com os sacos vazios, as faces afogueadas pela alegria e pela excitação vigorosa do exercício ao ar livre.

O Terço e a Bênção coroavam o dia.

... E contudo P.e Jacinto jamais ouvira falar de *recreatórios* ou *oratórios festivos* ...

Assim como não se sabia no seu tempo o que fosse uma «*Schola Cantorum*», no sentido que o moderno apostolado paroquial dá a esta expressão.

Mas, sem o saber, P.e Jacinto tinha a sua *schola cantorum* de crianças e adultos.

Ensaiava ele próprio os seus coros. E pelo decurso do ano nas novenas do Natal e das festas patronais da freguesia, nos meses de Maria e do Rosário, assim como no Terço do domingo e da quinta-feira, os trechos litúrgicos em bom latim eram cantados com virtuosidade pelos discípulos do P.e Jacinto.

Um grupo mais reduzido e mais cuidado abalançava-se mesmo a cantar a missa, cabendo-lhe uma vez a honra insigne de ser ouvido pelo Em.mo Cardeal Neto, em presença de quem se celebrava uma missa solene, na capela da quinta onde se achava hospedado em visita pastoral.

E nesse dia à tarde (suprema distinção!), Sua Eminência, no coro da capelinha, acompanhava ao harmónio o *Tantum Ergo* entoado pelas vinte vozes juvenis.

* * *

P.e Jacinto é o único ?

Não.

Por essas freguesias da nossa província há muitos como ele, homens com a intuição das obras de zelo e da acção católica.

E quanto bem fazem, bem ignorado e obscuro, modesto como as suas virtudes pastorais e a sua piedade intensa !

E fariam mais ainda, se mais lhe ocorresse e tivessem o amparo e o incentivo do trabalho em comum.

Porque não se restauram as tradicionais reuniões dos párocos em cada vigararia ? Porque não combinar minuciosamente nessas reuniões o plano uniforme da acção paroquial, multiplicando as iniciativas e assegurando-lhes uma eficiência decisiva ?

Importa fazer conhecida de todos a obra de cada um, não certamente em obediência a uma sentimento mesquinho de amor próprio, mas porque na história de toda a energia, que se manifesta e que vive, há uma lição cheia de ensinamentos preciosos para quem a quer aproveitar.

«*Luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum.*»

* * *

Nem foi outro o meu intento ao evocar, com infinita saudade, alguns dos traços da fisionomia pastoral do P.e Jacinto.

P. R.

"A Alma de uma Obra"

Não vos falo do corpo. Esse, poderão vê-lo os nossos olhos míopes em qualquer das Casas do Gaiato, ou nas palavras do jornal. O que vos digo é da alma. E assim, ao falar-vos desta Obra, penso menos nela do que na Outra maior, dum Mundo em que todos amassem a Deus e se amassem como Ele nos ama.

Esta obra é quase nada, não vale quase nada, é um pequenino elemento em bom estado da máquina enferrujada do Amor Universal. O seu maior valor não é o pão e a formação que dá; é o grito de alerta:

— Eh lá Cristão ! que te perdes de Cristo . . .

— Desperta Cristão ! que vais a sair do Caminho de Cristo . . .

— Reforma Cristão ! a tua religião de Pai Nosso-Avé Maria . . .

— Olha Cristão ! que és nobre e tens de honrar o teu nome de Família . . .

Do tanto bem que Ela faz, tudo é quase nada à vista deste Bem.

É uma Obra de Amor. É mais do que a Obra dum Homem; é a Obra que Deus segredou a um Homem.

O Homem compreendeu . . . — é sábio. O Homem executou . . . — é humilde, obediente, é grato.

Que usou ele para cumprir a inspiração de Deus ?

Nada ! Saber que era nada, que não sabia nada, que não podia nada, que não valia nada, nada ! e que Deus sabia tudo, podia tudo, providenciaria a tudo.

O Homem pensou, mediu-se, auscultou-se, fez sobre um, outro acto de humildade . . . e começou.

Então sabia já o primeiro passo. Depois . . . Deus diria o resto.

Ai dele se permanecesse prudente após se ter lançado à caminhada ! Não teria havido um nascimento, não . . . ; seria apenas um aborto o que haveria.

Oh! imprudência iluminada de quem crê muito no Senhor!, oh! Santa Irmã Loucura de S. Francisco de Assis!, sem Vós qual é a coisa que perdura?!

Na verdade, Discípulo do Mestre é o que, por amor dEle e com os olhos nEle, dá aquilo que ainda não possui. E com direito exibe a fidalguia de Cristã, a Caridade que não procura o que dar, mas a quem dar, e dá, segura de que o que dar virá.

Assim a Obra foi crescendo e vai crescendo.

Devagar sim, mas firmemente.

Todos souberam dos auxílios que surgiram, todos os viram..., mas poucos viram que ninguém deu nada, senão Deus.

Na véspera das aflições, o aflito rezava:

«Senhor! eu não sei nada. Senhor! não posso nada. Senhor! não valho nada. Mas Tu, Senhor! és Pai.»

Como não receber, se pediu?! É que antes de pedir, ele tinha dado tudo e tinha-se dado todo.

Eis o segredo do seu êxito: dar, dar-se, pedir e receber. Quem quiser ganhar o mesmo, que faça o mesmo!

De toda a cooperação humana não foi o dinheiro a principal. A maior foi o amor dos que sentiram a Obra, os que gozaram as suas alegrias, os que provaram as suas angústias... Esses são ainda a Obra.

Mas Ela foi um Bem que a multidão estimou!

Naquele tempo os Apóstolos espalhavam pelo Mundo a Boa Nova. Eles falavam uma linguagem desconhecida; diziam a lição do Mestre com um vigor que poucas vezes se repetirá.

Os povos escutavam... e murmuravam admirados: «Olhai! Como eles se amam!»

Como há dois mil anos, como sempre, o homem não é anjo nem é fera. É um pobre tolo, com coração susceptível de ternura. Ele ouve a Verdade e não entende. Ele pensa na Verdade e discute-a. Ele vê o amor... e também ama.

Sim, a Obra é um Bem que a multidão estima!

E quando o Homem desaparecer?

As gentes de pouca fé carpem o fim da Obra.

Oh admiradores, mais acanhados do que falsos, que grandeza atribuís ao Homem, se não vedes que a sua Obra o excedeu?! Ai, Velhos do Restelo que haveis sempre de aparecer!, porquê, em vez de profecias derro-

tistas, não implorais ao Senhor da vinha que mande à Sua vinha, os operários próprios dela ?!

Se quem ficar depois souber rezar: «Senhor ! eu não sei nada. Senhor ! não posso nada. Senhor não valho nada. Mas Tu, Senhor ! és Pai», se quiser dar e dar-se, a Obra viverá, a Obra crescerá e tenderá para o funcionamento da máquina enferrujada do Amor Universal.

Obra para rapazes, Ela é de rapazes.

Depois do Senhor de todas as coisas, são eles os grandes senhores dEla.

Não é uma casa de assistência; é a casa deles. A «nossa quinta», o «nosso carro», os «nossos bois» ... Poucas vezes se ouvirá o adjectivo para um só possuidor.

De resto, não se faz mais que nos estabelecimentos de benemerência ... O que se faz é diferente !

Ali o Padre não é um dispensador de bens materiais, um catequista ou um distante director. É um Pai que renunciou aos seu filhos, para chamar seus os filhos de ninguém.

O rapaz da Obra não sofre o estigma do asilado. Ele sabe que não é fidalgo, mas sente-se filho de algo. Sabe e sente que é amado e naturalmente retribui amor.

O segredo pedagógico é o trabalho. Ele o grande instrumento de regeneração.

O rapaz, habituado a nada, cedo sentirá necessidade de muita coisa e compreenderá, mesmo sem consciência disso, que neste mundo nada é gratuito. O que ele reclama tem de o ganhar. O preço dos seus direitos são os seus deveres. A moeda à sua mão é o trabalho.

E o rapaz, civilizando-se (partindo tanta vez de triste animalidade !) aprende a alegria de viver no sabor da sua utilidade.

Desde o barbado ao pequenino «batata», todos têm a sua obrigação.

Acontecerá alguma vez que certa tarefa sairia melhor e custaria menos, não sendo feita pelos rapazes ...

Não importa ! A Obra não é para lucrar com eles; é para os lucrar a eles.

O sistema educativo não usa formas.

Cada rapaz é um mundo ... Respeita-se cada rapaz. Faz-se por cada um quanto se sabe e pode, sem lhe roubar a personalidade.

Mas não se obriga ninguém a ser perfeito !

Deus podia ter-nos feito necessàriamente santos. Não quis... businou-nos o Caminho do Céu e deixou o segui-lo à nossa vontade.

A Obra é cristã... Não se obriga ninguém a ser perfeito. Faz-se pelo rapaz o que é possível; depois, sofre-se por ele (a grande arma da Comunhão dos Santos), mas se ele quer perder-se, perder-se-á.

A Obra é cristã e é humana. O Homem que a sonhou sabe que o óptimo não pertence ao nosso mundo. Contenta-se com o bom.

Ao fim de vinte anos de Jornada reconhece ter acertado no Caminho. Agradece ao Senhor! Apenas aspira à permanência da graça do Senhor!

Eu disse-vos que ao falar da Obra, pensava em mais do que Ela. Eu queria ser capaz de vos mostrar, para além do seu valor humano, o espírito pelo qual Ela nasceu e vingou. Espírito de Fé, fortalecido pela Caridade, o qual nos recorda a nossa grandeza: «Está nas nossas mãos o arredarmos montes».

Toda Ela é um acto de Verdade. (Eis outra razão do seu agrado.) Revelam-se as conquistas e progressos e revelam-se os fracassos. Nestes — se Deus os permitiu, algum bem arrastarão consigo! — nestes, dizia, procuram-se lições; e se outra não houver, salutarmente se lembrará esta: Nós não temos que vencer, mas sim que lutar. Tudo que fizermos por Ele, com Ele e nEle é bom, é útil e é fértil.

Se não colhemos fruto, sabemos que outros virão a colher.

A vitória e uma concessão de Deus, um tónico da nossa insignificância. Mas se somos homens de Fé, mesmo na derrota seremos certos da nossa certeza, esperaremos contra toda a esperança.

Fé, Esperança e Caridade, três virtudes e uma só Verdade; só unidas é que são Verdade.

Elas são os alicerces, a argamassa, o pára-raios e o brasão da Obra. Toda Ela é um acto de Verdade!

E é também uma revolução. Ela pode ser um início da grande Revolução que vitoriosa, proclamará uma só lei: A imitação de Cristo.

Em tempos alguém perguntou ao Pai Américo se pensava na fundação duma nova Ordem.

«Não — respondeu — eu desejo voltar à velha ordem que Jesus prègou.»

Se não tivermos todos o mesmo desejo, que será de nós?

O Mundo está cansado de doutrinas e de palavras. O homem tem anseios a que nunca ninguém respondeu, problemas que jamais alguém foi

capaz de resolver. Os homens já não acreditam no homem, mas ainda creem nas boas obras do homem.

Nós temos de ser os revolucionários, os oportunistas que hão-de conquistá-los e conquistar-lhes felicidade, não com palavras velhas e cansadas, de valor ao sabor de cada um, mas com a prègação do exemplo vivo, indiscutível, sempre rejuvenescido e úbere.

O homem que não crê em Deus, dificilmente acreditará pela palavra. Mas levai-o diante de uma Obra da Rua, de umas Irmãzinhas dos Pobres, de uma Casa da Divina Providência e dizei-lhes de que se vive lá. «Não pode ser» — dirá. «Mas então venha ver...» — teimai. E ele vai e, se vai de boa fé, tem de ver o que é sensível! O homem não crerá imediatamente, mas fica impressionado. Ele faz-se uma pergunta que nunca mais lhe deixará a paz.

Há algum tempo apareceu numa das Casas do Gaiato um senhor, já mais idoso do que jovem. Vinha radiante.

— Sabe Padre? fiz hoje a Primeira Comunhão.

— Parabéns... Graças a Deus que fez assim!

— Mas sabe o que me levou a fazê-la?

— Não!...

— Foi a leitura do «Gaiato».

— Mas o jornal não é um órgão de Apologética! Nele não se faz o elogio dos Sacramentos!...

Não sei... — volve o senhor — mas foi por causa dele que eu hoje comunguei.

A força do amor! O resultado de ver amar!

O povo que se diz cristão está muito mais perto dos fariseus do que de Cristo. Há uma preocupação exagerada de interpretar a letra da doutrina e uma negligência, tornada cada vez mais, hábito, em procurar entender o seu espírito. Os homens estão pouco ambiciosos no Caminho da perfeição!

Pessoas há, e até Padres!, tão zelosos dos valores intelectuais, que lhes falta tempo para ser Cristãos!

Para quê a pretensão tola e vã, de vestir à nossa maneira os ensinamentos de Jesus?!

Toda a Lei está nos dois Mandamentos principais. Lei tão rígida e tão elástica, para uso, não de manequins, mas de almas criadas à semelhança do Criador, para O servir e O amar.

Oh! Sinal de contradição!

E nem consta que pelo tempo em fora tenha surgido algum sábio ou algum poeta que os dissesse melhor do que Jesus !

Não se menospreza a inteligência. Ela é uma dádiva de Deus, um talento que temos de fazer render. Mas se no homem do mundo pode ser um fim legítimo, no padre, legìtimamente, apenas será um instrumento para apostolado. Então . . . também havia cientistas e historiadores e filósofos . . . Nosso Senhor foi recrutar os discípulos entre homens rudes e simples.

«Deixai as vossas redes e segui-Me. De hoje em diante sereis pescadores de almas.»

Fora disto o padre não é padre.

Pescadores de almas, soldadores do Amor fragmentado ! Que nobre e grande missão a do Sacerdote do Senhor !

A Humanidade pende assustadoramente para a inversão dos valores. Os padres, membros dela, precisam de muita Fé, de muita Esperança e de muitíssima Caridade para manterem o equilíbrio. O Mundo leu demais e tresleu.

Nós temos de ler menos os autores e cada vez mais o Autor dos autores. NEle está a Verdade, o Caminho e a Vida. Se lermos cem vezes o Evangelho, cem vezes acrescentaremos a nossa compreensão, cem vezes multiplicaremos a nossa potência de santidade.

Eu ando a estudar latim pela «Imitação de Cristo». Duplo proveito: aprendo a língua e gozo as delícias do primeiro, dépois dos Livros Santos:

De lá vos lembro esta oração magnífica, que é toda ela um cântico de vida interior, uma fonte de forças espirituais: «Oh ! Deus-Verdade ! torna-me um conTigo na Caridade perpétua. Muitas vezes me entedio de ler e ouvir tanto. Em Ti está tudo que quero e desejo. Calem-se todos os doutores, façam silêncio na Tua presença todas as criaturas, para só Tu me falares ! »

Amigos ! Nós que chegámos aqui queimados no fogo da Caridade, declaremos ao Amor Formoso a paixão que nos habita:

— Eu quero consumir-me neste Fogo, para purificar. Senhor ! incendiai-me todo, depressa, depressa . . .

C. GALAMBRA

O MOVIMENTO LITÚRGICO
nos ultimos 50 anos

II

Alma dinâmica e de fé, antes de monge, padre diocesano, tinha sentido na sua carne a inquietação e a angústia das almas.

A actividade literária desse formidável Homem de acção uma vez de «braço às armas feito» foi imensa ! Os volumes das suas «Instituições Litúrgicas», em que deixa ver a concepção toda dogmática que tinha da Liturgia e das suas resplendentes manifestações de beleza . . . e o seu «Ano Litúrgico» são as duas grandes publicações do génio intelectual do apóstolo da Ressurreição litúrgica.

A Abadia de Solesmes, obra viva a desdobrar-se em vida pela Europa inteira, é obra de sua vocação monástica.

Conhecer a história da Abadia, com D. Guéranger, é ter uma representação viva da Igreja medieval nos tempos modernos.

E é consolador verificar que quase todas as abadias modernas tiveram a sua Génese em Solesmes !

Facto admirável ! À semelhança de Tertuliano, referindo-se agora à difusão rápida da Ordem Beneditina em França e Bélgica, Alemanha e Brasil, Portugal e Canadá, poderiam exclamar: «somos de ontem e já enchemos todo o Mundo, todas as vossas cidades, ilhas . . .»

D. Guéranger, Homem de acção e Homem de coro, que escolheu a Ordem Beneditina, precisamente por ter Coro, como numa carta diz a La Mennais, nunca deixou de escrever.

Com as «Instituições Litúrgicas» diz ele próprio querer dar-nos um ensino geral de todas as matérias que dizem respeito à Ciência Litúrgica. Obra esta vastíssima, quer pelo número de seus volumes, quer pelas múltiplas questões nela tratadas e sempre com garra de mestre.

Fala-nos ele aqui do Calendário, da divisão do tempo e de seus mistérios na liturgia. Passa depois a dar a explicação das tradições e dos símbolos contidos na parte móvel do ano eclesiástico como na parte imóvel deste maravilhoso ciclo. Estuda com diligente cuidado todos os pormenores que contribuem para uma melhor compreensão e vivência do Sacrifício Cristão, centro divino de toda a Liturgia. Visa em seguida as tradições relativas aos Sacramentos. Os Sacramentais atraem-lhe, igualmente, a atenção. A língua e o estilo da Liturgia, o direito da Liturgia, a actividade da Liturgia e a Teologia Litúrgica são outros tantos temas que lhe não foram estranhos.

Obra notável no sentido pleno da palavra !

Mas se nas «Instituições Litúrgicas» nos dá os princípios e directivas da renovação litúrgica, no «Ano Litúrgico» representa-nos a vida da Igreja nos vários ciclos do ano.

Os depoimentos de pessoas ilustres como Montalembert, Pio e outros, dizem-nos o que vale esta gigantesca obra de 17 volumes. Se não fosse fastidiosa a citação poderia chamar a campo muitos testemunhos. Por agora bastem as palavras eloquentes de D. Festugière:

«O «Ano Litúrgico» é simplesmente uma maravilha para revelar a todos os géneros de almas, qualquer que seja o grau da sua instrução, as riquezas espirituais que a Liturgia contém. Esta faculdade de adaptação do «Ano Litúrgico» constitui até um facto muito notável.» E depois de haver estabelecido um confronto entre esta obra e a «Imitação de Cristo» acrescenta mais adiante: «A «Imitação» é lida por incrédulos, como obra de moralista e de psicólogo. 0 «Ano Litúrgico» só é lido pelos que querem orar.»

Mas, não são apenas os católicos a apreciarem-no.

O jornal maçónico «L'Evènement» tem estas palavras significativas: «Eis aí um livro que fará tanto mal quanto bem fizeram os contos de Voltaire.»

Excelente elogio !! E dado pelos filhos das trevas !!

Mas D. Guéranger não ficou por aqui.

Mais obras saíram de suas mãos: a «Vida de S.ta Cecília», profusamente documentada, foi o resultado dos seus estudos em Itália e da sua amizade com João Baptista Rossi, célebre arqueólogo italiano que conheceu na sua viagem a Roma. Temos ainda do mesmo autor «Origens da Igreja Romana», «Oração pelo Rei», Considerações sobre a vida de Fran-

ça», todas elas obras onde palpita uma orientação rasgadamente ultramontana imprimida pela convivência com La Mennais.

Além destas e de muitos artigos dispersos por jornais e revistas, obras que desencadearam uma revolução que ainda hoje continua, D. Guéranger tinha um lista, que nunca mais acabava, de livros a publicar. Entre estes encontravam-se as «Instituições Canónicas» que a morte impediu de verem a luz do dia. Seria uma obra concebida num plano similar e tão elevado como as «Instituições Litúrgicas».

Numa hora em que a disciplina tradicional era tão postergada, não deixava de ser oportuna semelhante empresa que viria ressuscitá-la e repor no seu devido lugar.

Como a Liturgia, o Direito Canónico era, igualmente, para D. Guéranger uma coisa santa, toda impregnada do espírito da religião, essencialmente ligada ao Dogma . . . como diz Olivier Rousseau.

O «argumento irrefragável» da infalibilidade da Igreja que serviu para estabelecer o valor dogmático da Liturgia tem a mesma força para demonstrar a importância da disciplina quanto ao Dogma . . . A disciplina está em relação directa com a infalibilidade da Igreja, e isto é já uma explicação da sua alta importância na economia geral do Catolicismo. Mais, ela está «apoiada no Dogma» porque todos os «princípios fundamentais do Direito Canónico são artigos de fé». Isto nos diz o próprio D. Guéranger no primeiro tomo das «Instituições Litúrgicas».

Dominado por esta visão ampla, vendo no D. C. a «Ciência prática» que era preciso cultivar com gosto para se não correr o risco de entravar a jurisdição eclesiástica, D. Guéranger dedicou-se-lhe de alma e coração. Via que ele fazia falta para se poder ressuscitar a antiga tradição disciplinar de que a França andava tão arredada . . . Via que ele era necessário para a renovação da Antiguidade Eclesiástica e para tirar do esquecimento em que tinham caído, as sãs tradições da disciplina da Igreja e da Santa Liturgia.

Tradicionalista até à medula, via na Tradição a conservadora de todos os valores civilizados e na continuidade de seu pensamento o critério de toda a certeza». Foi a esta luz que ele ainda sentiu a necessidade do D. C. como barreira a defendê-lo, e aos outros também, contra os assaltos da «Novidade».

Por aqui se pode ver e avaliar a lealdade daquele que alguém afirmou ter sido o Homem que mais fortemente havia marcado, com seu selo, a vida católica do seu tempo.

D. Guéranger, na verdade, foi um Homem de Génio !

Ao seu grande impulso ninguém podia ficar alheio, indiferente ... e todos reagiram.

Depois do seu «brado aos adormecidos» e de ter vergastado a Sociedade Religiosa de então, forças se começaram a mobilizar no estrangeiro. Uma grande preocupação espiritualista começou mesmo de inquietar os espíritos. Já mesmo antes, na verdade, se pressentia uma grande actividade nos diversos países da Europa.

Era evidente que o choque violento da Revolução se não faria esperar. A agitação intelectual que se manifestava sob múltiplas formas, consoante a índole que caracteriza as nações, em quase todos os países, era uma tentativa de libertação e de independência do estado actual.

Eram, no fim de contas, saudades de tempos idos, de mistura com ânsias dum futuro melhor.

A reflexiva Alemanha dava-se ao estudo da sua eclesiologia profunda e rica; a elegante Inglaterra cultivava o gosto artístico pelas formas do culto e pela arte, a poética Itália desenvolvia «o instinto da sua musicalidade»; a laboriosa Bélgica «a experiência brilhante das suas iniciativas práticas» e a gloriosa França, a quem coube baptizar o Movimento, que em 20 anos deu a volta ao Mundo, dava-nos o «estímulo da sua inquietação espiritualista».

Material abundante, sim, mas disperso!...

Foi D. Guéranger quem meteu ombros à construção do Monumento, contando com as pedras de cada um que mesmo juntas nunca seriam muitas!

O gosto de D. Guéranger pela História Eclesiástica, fez com que eclesiásticos franceses se interessassem pela literatura patrística e, assim, vimos aparecer a «Patrologia» de Migne, que tantos benefícios trouxe à Igreja, vimos surgir os numerosos trabalhos sobre Escritura e sobre os Santos Padres e vimos, também, engrossar o número de obreiros que, em pouco tempo, eram legião. As bibliotecas e livrarias encheram-se. Nomes como os do P.e Genoud, D. Pitra, Caillou, com o seu «Tesaurus Patrum», Pio, Migne e tantos outros, provam eloquentemente a seriedade, a lealdade e a importância do movimento que tamanho êxito alcançou.

Dirá alguém:

— Mas porquê tanto estudo ?

— Porquê ?!

— Por que se trata de defender uma causa de Deus — o seu culto — e porque não se é verdadeiro liturgista se não se fizer pelos ritos sagrados

o que o intérprete dos livros santos faz pela S. Escritura, quando para a explicar, apelou para todos os recursos da erudição, como escreveu D. Guéranger. De facto o Movimento litúrgico é um movimento de restauração que pretende reunir à volta do altar paroquial os fiéis para que celebrem na alegria os mistérios de Cristo, com a Santa Igreja e, porque a Liturgia é o «culto integral do Corpo Místico de Cristo, isto é, da cabeça e dos membros».

Há alguma coisa mais importante ?

É o próprio Papa Pio XI que nos diz ser coisa muito importante. E apressa-se até aa crescentar «haver na terra poucas coisas que sejam deveras importantes, que valham a nossa atenção e solicitude. Cristo! a alma! a vida da Igreja! Tudo o mais, o que é e que vale ?

A Liturgia não é a Didascália deste ou daquele; é a Didascália da Igreja! Continuai a vossa obra: «optimam partem elegisti».

Estas foram as palavras de S. Santidade ditas em audiência particular ao actual Abade de Mont-César — D. Bernard Capelle, mas poderão aplicar-se a todos nós se nos deixarmos apaixonar pela Liturgia e se vivermos da sua vida inesgotável.

— Mas valerá a pena ?

— Uma pergunta destas é uma desistência.

Se vale a pena!! E então em Portugal que se tem trabalhado tão devagarinho!!

Como são necessários Padres que sejam santos apóstolos, que tenham o verdadeiro sentido da prece, da vida interior, do sacrifício! Que tenham a compreensão profunda dos problemas da Igreja e que sintam com ela pela santidade da Sua Liturgia!!... Se vale a pena!...

Se me perguntassem o que fez Portugal antes do século XX, apesar do Movimento ter já mais de meio século, diria que esteve adormecido, acomodado neste cantinho para cá dos Pirinéus. E aplicando-lhe palavras, ditas de Espanha, pelo Cónego Carrera, diria ainda «encontrar-se diante duma ausência completa de interesse pela liturgia. Mais que em qualquer outra parte, a ruptura com o passado litúrgico era tão profunda que a custo se distinguiam restos das tradições da piedade colectiva autêntica: o canto do povo desapareceu completamente, o conhecimento dos textos litúrgicos, exceptuando o da Semana Santa, não era nenhum entre os fiéis; o individualismo da piedade invadia tudo; era o país clássico das devoções particulares e inumeráveis que substituiam a devoção típica, à grande

piedade da Igreja. Podia dizer-se, sem exagero, que a fisionomia de Portugal cristão era absolutamente alitúrgica». E isto sem injustiças!...

Como vimos, aplicavam-se-nos admiràvelmente estas palavras sem mesmo «mutatis mutandis». Bastou trocar o nome do país.

Hoje a situação religiosa no nosso País é sensìvelmente diferente, graças ao esforço persistente e à visão rasgada de poucos. Mas quanto resta a fazer !!

Que ao menos agora que existe o Movimento Litúrgico já consolidado, que se realizou a síntese das iniciativas particulares, graças ao saber e santidade do Grande Pontífice Pio X que fez com que o centro de gravidade do Movimento se fixasse em Roma, assumindo o patronato, que ao menos agora, repito, que temos tudo isto e mais ainda a Encíclica «Mediator Dei», autêntica carta magna do Movimento de Renovação cristã, que ao menos agora nos convençamos da importância da Liturgia, porque na verdade, segundo o Papa, há na terra poucas coisas que sejam deveras importantes...

MANUEL PIRES CAMPOS

OFERTÓRIO

Num cortejo de oferendas vão subir ao altar, as dádivas da nossa assembleia cristã:

Pão e Vinho, Incenso e Luz.

O pão e o vinho, como frutos da terra, de que o homem foi feito, e da terra que o homem trabalha, são sempre um mistério sacramental, da vida humana, que no altar se hão-de transformar em divina eucaristia do Corpo e do Sangue de Cristo.

E o incenso será o perfume da nossa prece, a subir ao céu em espirais, que hão-de lembrar mistérios de fé, desta fé que se simboliza na vela que se consome, ardendo e iluminando.

O altar é ao mesmo tempo o Calvário e o Tabor de todas as coisas. Tudo ali atinge as sublimidades das grandezas divinas, porque tudo ali sobe para se transformar. O pão que andou pelas searas, correndo a via dolorosa de todos os martírios, para ser o pão que mata a fome a todas as bocas, aqui vem num mistério de vidas, para ser Eucaristia, em que Deus se dará em comunhão a todas as almas que têm fome da vida.

O vinho e a gota de água que brotaram do seio virgem e fecundante da terra misteriosa, onde caíram tantas lágrimas e suores, aqui se transformam no mistério de tantas canseiras, a dar vigor a tantas humanidades desfalecidas.

Tudo no altar atinge a beleza infinita de um sentido eucarístico.

Mais do que nunca o nosso pão é o pão do céu, que Jesus fez descer ao altar, para que na terra se cumpra a bemaventurança da fome e da sede.

E o Senhor disse:

— «Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados.»

Neste mundo há duas fomes,
neste mundo há duas sedes...

A fome e a sede da carne,
a fome e a sede do espírito...
Quem vive da carne, tem fome e sede do mundo,
quem vive do espírito, tem fome e sede do céu...
Ora nós não somos deste mundo...
E quem se alimenta às suas mesas, come iguarias,
que sabem a podridões de morte,
e engole venenos,
que envenenam a vida.
O pão que faz crescer todos os homens,
e a água e o vinho que fecundam todas as vidas,
são do reino que está para além de todos os reinos
— «o reino de Deus».

O cortejo das nossas oferendas para o altar, é como um cortejo das nossas almas para Deus.

Vamos para Deus...

* * *

Enquanto diante do altar desfilam os representantes da assembleia no cortejo das oferendas eucarísticas, alguém lê o que fica escrito.

E depois, enquanto o sacerdote, faz no altar a preparação das oblatas, recita-se o coro falado que segue:

Sol. — Hóstias humanas
de divinas eucaristias,
eis-nos, Senhor,
numa hora sagrada,
de eucarísticas mocidades,
aos pés do vosso altar,
para vos oferecermos,
pelas mãos do sacerdote,
vosso ministro,
e nosso pontífice,
a nossa alma, com todos os seus mistérios,
e a nossa vida, com todos os seus esforços.
Cor. — Seja para Vós...
Ass. — Seja para Vós...
Sol. — Somos as primícias,
do campo imenso da nossa mocidade,
com a alma a trasbordar esperanças,
que hão-de ser,
por vossa graça,
admirável realidade.
Cor. — Assim o esperamos, Senhor...
Ass. — Assim o esperamos, Senhor...
Sol. — Senhor,
vimos de longe,
e trazemos nos lábios,
o travo de todas as amarguras.
Cor. — Dulcificai-as, Senhor...
Ass. — Dulcificai-as, Senhor...
Sol. — Trazemos nos olhos,
a visão de todas as misérias.
Cor. — Apagai-a, Senhor...
Ass. — Apagai-a, Senhor...
Sol. — Trazemos nos ouvidos,
o eco dolorido de todos os clamores de angústia.
Cor. — Desfazei-os, Senhor...
Ass. — Desfazei-os, Senhor...
Sol. — A nossa alma vem açoitada,
pelo vento de todas as tempestades.
Cor. — Acalmai-a, Senhor...
Ass. — Acalmai-a, Senhor...
Sol. — O nosso coração vem ferido,
pelos golpes de mil tormentos.
Cor. — Tranquilizai-o, Senhor...

Ass. — Tranquilizai-o, Senhor...
Sol. — A nossa inteligência vem cansada de
percorrer o labirinto de todas as
dúvidas.
Cor. — Esclarecei-a, Senhor...
Ass. — Esclarecei-a, Senhor...
Sol. — A nossa vida vem queimada,
pelo fogo de todas as paixões.
Cor. — Reanimai-a, Senhor...
Ass. — Reanimai-a, Senhor...
Sol. — No branco pão da nossa hóstia,
vêde o mistério de tantas fomes...
No vinho do nosso cálix,
vêde o mistério de tantas sedes...
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — E nós nos oferecemos,
Senhor, a Vós,
no pão da nossa hóstia,
e no vinho do nosso cálix,
que por milagre da vossa graça
se há-de transformar,
no mistério da vossa Eucaristia...
Cor. — Aceitai-nos, Senhor...
Ass. — Aceitai-nos, Senhor...
Sol. — Aceitai-nos, Senhor,
e escutai na nossa oferta,
o eco das súplicas que vos fazemos,
por nós,
e por todos quantos aqui somos:
os nossos pais e os nossos irmãos,
os nossos amigos e os nossos inimigos,
e por todos os que já morreram,
honrando a vida, canfessando a Fé,
para que a todos seja salutar.
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — Senhor,
a nossa oferta é generosa,
porque a nossa mocidade, é apaixo-
nada e ardente.
Cor. — Aceitai-a, Senhor...
Ass. — Aceitai-a, Senhor...
Sol. — Consagramos-te, Senhor,
a nossa juventude,
para que a orientes, abençoes e salves.
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — Que o trabalho das nossas inteligên-
cias,
seja alumiado,
pela luz da tua verdade.
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — Que o esforço das nossas vontades,
seja aquecido,
pelo calor da tua graça.
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — Que o pulsar do nosso coração,
seja regulado,
pelo ritmo do teu Amor.
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — E que o caminhar da nossa vida,
tenha assim,
a infalibilidade das eternas certezas.
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — E que o trabalho dos nossos braços,
tenha a grandeza,
que as tuas divinas mãos lhe impri-
miram.
Cor. — Assim seja...
Ass. — Assim seja...
Sol. — Pelo nosso ofertório,
comungais da nossa vida...
recebendo a vossa Eucaristia,
comungamos da Vossa graça.
Senhor,
por tudo o que Vos damos,
dai-nos tudo o que precisamos.
Cor. — Ouvi-nos, Senhor...
Ass. — Ouvi-nos, Senhor...
Sol. — Dai luz,
à nossa inteligência,
calor,
ao nosso coração,
perseverança,
à nossa vontade.
Cor. — Ouvi-nos, Senhor...
Ass. — Ouvi-nos, Senhor...
Sol. — Abençoai nossos desejos,
dirigi os nossos passos,
tomai conta das nossas aspirações.
Cor. — Ouvi-nos, Senhor...
Ass. — Ouvi-nos, Senhor...
Sol. — E que por milagre da vossa misericór-
dia,
a nossa vida,
atinja assim,
o sentido eterno das divinas grandezas,
que nos salvam,
e que Vos glorificam,
a Vós, Senhor,
que com Deus Pai,
e o Espírito Santo,
viveis e reinais,
por todos os séculos sem fim.
Cor. — ASSIM SEJA.
Ass. — ASSIM SEJA.

P.e FERREIRA DA SILVA

Composto para a Comunhão Pascal
da Juventude Católica de Tomar.

Crónica de hoje

O ano vai findar. Venho falar-vos, pela última vez, pacientes leitores. Praza a Deus, saiba dizer o muito que quero, em poucas e bem ditas palavras.

ÁRVORES QUE TOMBAM, SAUDADES QUE RENASCEM — Reuniu-se, em Almada, no dia 18 de Maio, o terceiro ano de Filosofia para plantar a «árvore da saudade», em substituição da que secara.

Pode bem acontecer, todavia, que não seja a última vez que tenham de o fazer, já pela categoria dos jardineiros, já pela «emoção» do momento, que, velando-lhes os olhos, os impediu de fazer obra bem feita. — Longe de mim pensar que a plantassem mal de propósito, na mira de outro passeio!!

ACADEMIA DE S.to ANTÓNIO — Realizou-se, no dia 14 de Maio, a sessão da Academia em que se falou do problema actual da preparação para o casamento. Foram os oradores, António da Silva Martins e Manuel Correia Arouca, muito aplaudidos.

No dia 4 de Junho, nova reunião para discutir o problema: «a Paróquia e os pobres». O académico Orlando Ferreira realçou a atitude do Padre — «instrumento de paz social» — dando como solução, a formação de verdadeiros cristãos entre os ricos e os pobres.

Em seguida falou o académico Eudoro Vieira focando principalmente a angústia da alma sacerdotal perante a miséria de tantos filhos seus que têm fome e sede e estão nus...

O Padre tem de agir, tem de ser, de certo modo, inconformista, «tem de dar a resposta ao pedido angustiante das multidões». E tal resposta não pode ser só o refrão já gasto: «paciência... bem-aventurados...»; tem de ser a realização de obras sociais: lutar, primeiro, por que todos tenham trabalho — que é um dever mas também um direito — e, depois, fundar creches, orfanatos, jardins de infância, casas de rapazes, asilos, etc.

Os oradores, profundamente convictos do que afirmavam, fizeram sentir a todos o triste panorama da actualidade social.

Imensamente aplaudidos, tinham, todavia, os trabalhos, cunhos nìtidamente distintos, como o notou o Rev.mo Assistente: o primeiro era o trabalho do homem duramente experimentado que vive da realidade. O segundo, o trabalho árduo de gabinete de quem possui, todavia, a qualidade de saber ver, através da janela aberta do seu gabinete de estudo.

SECÇÃO DE FILOSOFIA — Reuniu-se, no dia 14, em sessão de encerramento a Secção Académica dos Filósofos, a que assistiu o Presidente da Academia.

O académico Eduardo Araújo leu um bem elaborado trabalho sobre a questão social.

Após a recitação de várias poesias da autoria dos próprios académicos, o Presidente agradeceu e louvou o bom andamento da Secção e o interesse dos académicos, alunos de Filosofia. Por fim o Rev.mo Assistente disse também palavras de apreço pela obra realizada, entusiasmando todos a colaborarem no próximo ano com mais alegria, ainda, e esperança. Com a devida vénia, faço minhas as palavras de S. Reverência.

O NOSSO GRUPO CORAL... embora S. Eminência, o Sr. Cardeal Patriarca não se achasse presente, foi à Sé cantar Missa Solene, segundo é costume, nos dias de Ascensão e Pentecostes.

Para gravarem o «De profundis», a salmódia e fabordão, vieram até nós os técnicos da «Lisboa-Filme».

MEIA HORA DE ARTE — Deu-nos o prazer de o ouvirmos recitar algumas poesias, a convite da Academia de S.to António, o Sr. Maurício Beja Filipe. A naturalidade da sua interpretação e a frescura da sua dicção deixaram-nos encantados. Muito obrigados,

pois, pelos momentos de vivo prazer espiritual que nos proporcionou.

TARDE CATEQUÍSTICA — Dedicou-se a tarde do dia 25 de Maio ao estudo de temas catequísticos, como encerramento das actividades das catequeses do Seminário e preparação de uns «Dias Catequísticos» a realizar no próximo ano lectivo. Às sessões dignou-se presidir Monsenhor Cónego Reitor ladeado pelos Srs. Cónego Vice-Reitor, Pároco dos Olivais e oradores, P.e Gregório Neves, professor de Pedagogia Catequística do Seminário, Dr. Gustavo de Almeida e seminarista Manuel Falcão.

O Sr. P.e Neves em breves palavras deu o sentido desta Tarde Catequística, chamando a atenção para a importância da formação catequística dos seminaristas e apelando para que fosse dado à Cadeira de Pedagogia Catequística nos Seminários o lugar que deve ocupar. A seguir o seminarista Manuel Falcão leu o Relatório dos Trabalhos das Catequeses elaborado com os elementos fornecidos por todos os catequistas e m especial pelos chefes de catequeses.

Na primeira parte do seu trabalho, analisou com objectividade a actividade das sete Catequese — Moscavide, Olivais, Bairro da Encarnação, São João da Talha, Sacavém, Charneca e Camarate — referindo-se às dificuldades, dificiências e resultados de cada uma delas. Num apanhado geral declarou que nas 7 catequeses se empregaram 80 seminaristas, estando inscritas perto de mil crianças das quais eram assíduas 750; realizaram-se 48 baptizados, fizeram a Comunhão Particular 261 crianças, a Profissão de Fé 99 e receberam o Crisma 141.

No fim desta primeira parte, sob a orientação do Sr. P.e Neves, os chefes de Catequese e outros catequistas forneceram dados complementares e discutiram alguns pontos particulares.

O relator passou, então, a ler a segunda parte do Relatório em que analisou as principais dificuldades encontradas e deficiências reconhecidas pelos catequistas no seu trabalho, apresentando finalmente várias propostas em vista de melhorar no futuro o rendimento dos trabalhos.

Em seguida, ainda o Sr. P.e Neves orientou a discussão de alguns pontos abordados no Relatório que a todos interessou vivamente, permitindo chegar a valiosas conclusões.

Após breve intervalo, falou o Rev. Dr. Gustavo de Almeida que começou por realçar a necessidade de introduzir a Teologia na Catequese, mas uma Teologia fonte de vida e de acção. Em seguida focou brevemente o problema da Catequese e a Família apontando o contraste entre a família cristã de outrora que era o ambiente mais propício à formação religiosa da criança, e a família de hoje, caracterizada pela ignorância e indiferença religiosas, factor importantíssimo com que temos de contar nas nossas catequeses.

Demorou-se depois com o «problema do Catequista», referindo-se à necessidade de pôr em relevo a sua dignidade e função de homem que dá Deus à Criança. O catequista, disse, é o Profeta a comunicar-lhe a palavra divina, tem de ser um inquietador da sua consciência, fazendo despertar nela as preocupações do sobrenatural, deve ser o agente do Espírito Santo — o Catequista Número Um. Convencidos desta verdade da Fé, concluiu, logo se vê qual a importância secundária — embora real — dos métodos e técnicas pedagógicos em vista do carácter essencialmente sobrenatural da missão do catequista. O calor que o orador pôs nas suas palavras reflectiram-se no entusiasmo com que a assistência no final as aplaudiu.

Encerrou a sessão Monsenhor Cónego Reitor que, depois de uma apreciação elogiosa dos oradores, se demorou na análise de alguns pontos mais discutidos no decorrer da sessão, lendo a propósito um estudo que, em tempos, fizera. Começava por apresentar a verificação paradoxal de que à medida que a cultura religiosa ou profana do clero se tem desenvolvido de há uns séculos para cá, tem aumentado por seu turno a ignorância religiosa do povo cristão. A verdadeira causa deste fenómeno está em se ter posto de lado a Pedagogia tradicional da Igreja, Pedagogia que, apesar de tudo, é a única em que a Igreja ainda hoje confia plenamente — a Pedagogia integrada na Liturgia, o ensino vital das verdades da Fé feitas oração, postas na boca dos fiéis sob a forma de símbolos, hinos, antífonas, etc.

Por fim, manifestando mais uma vez a sua alegria pela maneira como decorrera esta primeira Tarde Catequística, encerrou a sessão que, Deus queira, se venha a repetir ao menos uma vez por ano.

TEATRO — A realizar a parte última do programa teatral que se tinha proposto a Secção Académica de Filosofia, como a seu tempo noticiámos, representou-se, no dia 31

de Julho, a peça existencialista de Alberto Camus, «Os Justos», a que todos assistimos com o máximo interesse. Foram, os actores, verdadeiros artistas, representando com naturalidade espontânea que toda a assistência apreciou.

MÊS DE MARIA — Celebrámos com grande alegria e devoção o mês de Maria, mês das flores nos campos e nos corações. Que as bênçãos que a Virgem, então, mais abundantemente nos concedeu, ao calor do Coração de Jesus cujo mês com não menos fervor celebrámos, desabrochem e nos transformem.

DIA DE DESCANSO — Tivemos, no dia 1 de Junho, passeio grande, de barco, Tejo fora, até ao Alfeite onde tomámos a refeição do meio-dia. Após o almoço dirigimo-nos à Trafaria: aí rezámos o terço à Virgem Santíssima.

Atravessando o Tejo visitámos os Jerónimos e voltámos a casa pela margem norte, embalados nas ondas inconstantes que ora se lançam no mar, ávidas de liberdade, ora refluem, saudosas de paz e cansadas de ilusões.

REFAZER DE FORÇAS — No dia 2 houve retiro mensal. Com muita alegria nossa, foi Monsenhor Cónego Reitor quem nos fez as conferências. Que Deus abençoe o trabalho desse dia.

OBRA DOS COADJUTORES ESPIRITUAIS — Terminaram por este ano as actividades da O. C. E. que externamente se manifestavam na afixação de cuidadosos cartazes focando o alcance e gravidade da descristianização do Patriarcado, a fim de estimular o zelo apostólico dos seminaristas.

No último período os seus membros activos acompanhavam, também, o Sr. Arcebispo de Cízico em suas visitas pastorais, relatando-as nas reuniões de trabalho.

FESTA DE DESPEDIDA — Foi com saudades já, que fizemos a festa de despedida aos novos pioneiros dos caminhos do Céu, segundo o cantar do povo:

> Dizem que a saudade espera
> a ausência, para chegar.
> Eu tenho saudades tuas
> mesmo antes de te deixar.

Nunca nos sentimos tão irmanados como nesse dia de despedida oficial.

Foi no dia 13. Ao alvorecer, acordaram-nos os sons longínquos do hino da união: «ubi caritas et amor, Deus ibi est», a marcar o sentido do dia: — união de agora, união de sempre.

Presidiu Monsenhor Cónego Reitor ao pontifical que celebrámos, de oferecimento ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, dos novos «Mediadores» — actualização concreta do *Único Mediador*. Por Ele, ao Ofertório, renovaram, os finalistas, a sua oblação sincera e completa à Santíssima Trindade.

À porta de cada quarto estava a encíclica «Mediator Dei», edição anotada com tanto carinho e saber por Monsenhor Reitor... recordação do muito que cada um fica a dever ao nosso maior amigo dentro do Seminário. Havia, também, uma caravela — «evocação das caravelas de quinhentos que saíam do Tejo quase à aventura, na ânsia de dilatar a Fé e o Império — ... símbolo da missão apostólica do Padre». Ao centro do corredor, envolto em incenso, estava um altar com 23 pães ázimos a simbolizar outros tantos jovens que em breve se transformarão em «Alter Christus».

À tarde houve sessão solene a que se dignou presidir S. Eminência o Sr. Cardeal Patriarca.

Foi representada a peça — «Job, tragédia bíblica de Henri Ghéon.

Em «o adeus dos que partem», José Rodrigues Paula, disse do que contavam esperar no mundo — «incompreensão e luta» —, do que lhe queriam levar — «Cristo vívido na pobreza, na caridade e na angústia do martírio». Em seguida dirigiu-se a todos e a cada um dos que os ajudaram a subir ao altar, traduzindo sentimentos de viva gratidão.

Encerrando a sessão, S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca quis dizer-lhes uma palavra só, e esta de consolação:

«Falastes do que vos espera no mundo — incompreensão e luta —. Eu quero lembrar os que vos esperam com Fé, cheios de Confiança no Amor: estes são a grande multidão dos Filhos de Deus — os que acreditam em Nosso Senhor Jesus Cristo.»

Findou mais um ano de recordações e de alegria.

Já no limiar da Redacção, na hora indefi-

nível da partida, o cronista, movendo pela última vez a pena que tristemente mancha a pureza do papel, não sabe que mais dizer; perdoem, pois, se refugie em formas gastas e talvez inexpressivas: a todos deseja férias de paz e descanso no Amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que sejam, de facto, as férias santas de um Ano Santo.

Olivais, Junho de 1950.

NINGUÉM

AVISO IMPORTANTE

Pede-se a todos os nossos Ex.mos Assinantes e, de modo muito especial aos que moram afastados das estações de cobrança postal, o obséquio, desde já por nós muito agradecido, de *satisfazerem directamente o preço de suas assinaturas*, quer por vale postal quer remetendo a quantia em selos ou de outro modo que reputarem mais conveniente. Evitam-se assim grandes desvantagens como sejam a perda de tempo e o gasto escusado de dinheiro em cobranças que, as mais das vezes, por dificuldades de que ninguém é culpável, nos são devolvidas sem serem pagas, e tal acarreta grandes despesas à administração.

Devido a estes e outros contratempos alguns Ex.mos Assinantes encontram-se em débito de 2 e de 3 anos, e, esquecendo-se disso, o que é natural, estranham depois o elevado do preço da cobrança.

Contando com a boa vontade e compreensão dos nossos Ex.mos Assinantes, ficamos aguardando as suas ordens.

A ADMINISTRAÇÃO

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

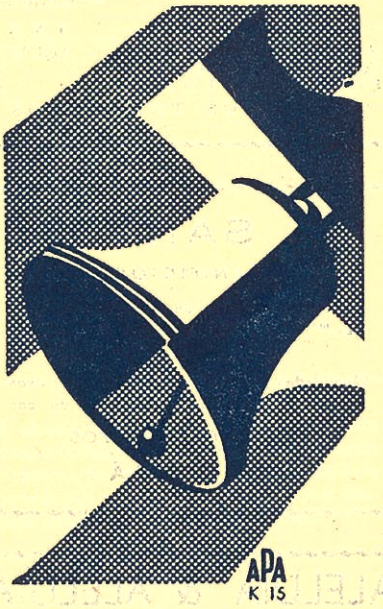
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA

Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA



NÃO SE ALARME

COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE
CONSULTE

Kodak
KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

ALELUIA & ALELUIA

FÁBRICAS ALELUIA

Azulejos brancos e pintados.
Louças sanitárias,
artísticas e domésticas.
Painéis com imagens

Telef. P.B.X.-22 — *AVEIRO*

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Assinaturas pagas directamente

Condessa de S. Tiago

D. Isabel Morais Sarmento

P.e José de Castro Paradela

José Luís de Saldanha (Rio Maior)

P.e Frederico Martins dos Reis

Eng.o António Manuel Líbano Monteiro

Con.o António de Campos

Centro de Assistência Social de Valado de Frades

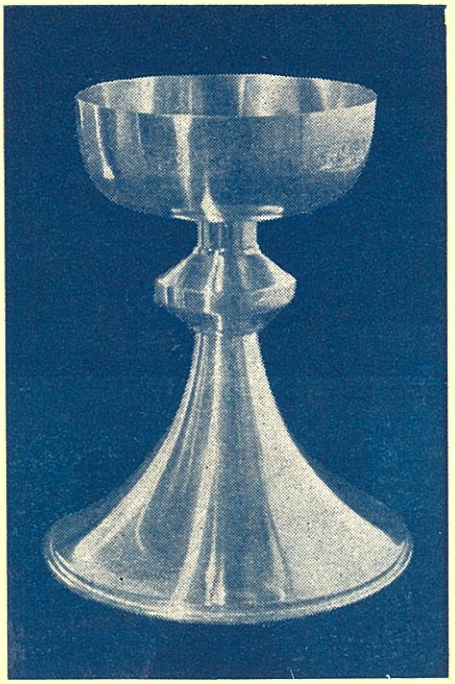
José Augusto Pais Ferreira

P.e Antero Jacinto Marques

P.e José Agostinho Rodrigues

Major José Rôlla Pereira do Nascimento

P.e João Augusto Nascimento



"...É absolutamente necessário dar livre campo também à arte moderna, desde o momento que sirva com a devida reverência e honra dos templos e funções sagradas." *(Mediator Dei)*

Alpha et Omega

BAPTISTA & PADILHA, L.DA

Edições, Máquinas de Projecção, Filmes, Alfaias, Artes Liturgicas, Paramentaria e Alfaiataria Eclesiástica.

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 30-2.º — LISBOA

TOSSE?

